

A GEOGRAFIA ESCARPADA DO CINEMA MUNDIAL: DOS CENTROS ÀS PERIFERIAS

Mahomed Bamba¹

Depois de ter sido densamente estudado numa perspectiva historiográfica, o cinema mundial ou world cinema pode agora ser pensado e imaginado em termos geográficos. Desde o famoso “Histoire mondiale du Cinema: des origines à nos jours” (Georges Sadoul, 1966), já havia uma tendência, entre os primeiros historiadores, críticos e teóricos, de apreender a prática cinematográfica pela lógica classificatória das “grandes obras” e dos “grandes autores” e de acordo com a realidade sociocultural dos “lugares de cinema”, dos países, das cidades e das regiões do mundo onde essa nova prática artística e social vinha se consagrando e institucionalizando.

Hoje, os estudiosos parecem mais interessados em entender as novas dinâmicas e lógicas que reestruturam as cinematografias nacionais, mas também os modos e modelos de produção, circulação, exibição e recepção cinematográficas que surgem, muitas vezes, nas “periferias” dos espaços que são geralmente vistos e reconhecidos como os “centros” da instituição cinematográfica (num mesmo país ou no contexto mundial). Por exemplo, as experiências cinematográficas e audiovisuais surgidas no período pós-colonial não só abalaram as concepções do “cinema nacional”, bem como provocaram uma revisão da noção de “nação” como principal critério de definição e de diferenciação dos cineastas e de suas obras. As propostas narrativas dos “jovens cinemas” da América Latina e da Ásia, bem como as dos cinemas pós-coloniais na África e, agora, a nova onda de home-vídeo no Brasil e na Nigéria e em outras partes do mundo (sobretudo, pela informalidade que caracteriza este modo de produção e circulação) são vistos como instigantes objetos de estudos, mas também são encarados como verdadeiros desafios para as teorias do cinema. O impacto da globalização sobre o campo cinematográfico é perceptível na lógica da transnacionalidade que modificou os modelos de produção e recepção fílmicas e fez emergir os fenômenos de cinemas transgeográficos, transfronteiriços, do exílio, das diásporas, etc. Considerar essas realidades como ex-

1 Professor do Departamento de Comunicação, Faculdade de Comunicação, UFBA.

crescências de supostos “centros” do cinema ou pensá-las como áreas constitutivas de um mesmo mapa movediço do cinema mundial? Eis a questão!

O relevo do cinema mundial é longe de ser plano e uniforme: ele é escarpado e desnivelado. O território do world cinema se apresenta também na forma de uma geografia humana onde os próprios cineastas atuam em condições diversas, com estatutos diferentes e com objetivos que, às vezes, vão além do cinema de entretenimento.

Com o passar do tempo, todas essas questões, imbricadas umas nas outras, fizeram com que a dimensão e os contornos do cinema mundial contemporâneo deixassem de ser mensuráveis apenas na escala de um punhado de países hegemônicos. A noção de cinema remete simultaneamente a questões de ordem nacional, transnacional, geopolítica, temática e estética. Por outro lado, enquanto alguns estudiosos buscam apreender essas questões díspares com conceitos teóricos totalizantes, outros, ao contrário, se contentam em problematizá-las de forma tópica e analítica.

Mesmo admitindo os limites teóricos da noção de “periferia”, os autores dos artigos que compõem este dossiê da revista Contemporânea aceitaram o desafio de repensarem o cinema mundial por suas periferias, suas margens e suas bordas, entendendo que estes rótulos podem se aplicar tanto a temas e a indivíduos representados quanto a práticas consideradas como descentradas. As análises, às vezes, críticas, às vezes teóricas, a partir da obra de um cineasta ou com base em práticas fílmicas particulares, trouxeram, assim, reflexões interessantes que reafirmam, questionam e reproblematicizam a hipótese da existência de uma lógica do “policentrismo” e do “interstício” na geografia do cinema mundial de ontem e de hoje.